

OS LIMITES DO HOMEM

Prof. Geraldo Mateus de Sá

Universidade do Estado do Pará

NPEEMC - Núcleo de Pesquisa e Extensão em Epistemologia e Metodologia Científica

Resumo: O homem, em sua relação com a complexidade do mundo, deve ser entendido como existente e sujeito responsável por seus projetos (sua liberdade). No mundo, ele sente-se atormentado e limitado diante daquilo que o transcende e que não pode ser transformado ou modificado a partir de sua escolha (vontade). Sua condição de poder buscar a liberdade e ter o discernimento da escolha não livra sua consciência de ser lançada na problemática das 'situações-limites' (o homem não pode abandonar seu ser). O fato de não poder interferir naquilo que não pode ser escolhido (e modificado por sua vontade) ou mesmo saber quais são as suas implicações mais significativas (em sentido teleológico) faz o homem deparar-se com a angústia e o desespero, vivenciados numa contextualidade de medo e de temor. As 'situações-limites' assombram a consciência humana, pois ela é tocada pela contingência do próprio homem e do mundo. Limite (impossibilidade) e finitude são categorias inerentes à condição humana e interação com o mundo, nas mais variáveis circunstâncias advindas da natureza humana.

Palavras-chave: 1. Homem 2. Ser 3. Existência.



Abstract: The man, in your relationship with the complexity of the world, it should be understood as existent and responsible subject for your projects (your freedom). In the world, he feels tormented and limited before that that transcends him/it and that cannot be transformed or modified starting from your choice (will). Your condition of to look for the freedom and to have the discernment of the choice doesn't liberate your conscience of being thrown in the problem of the 'situation-limit' (the man cannot abandon your being). The fact of not could interfere in that that cannot be chosen (and modified by your will) or even to know which are your more significant implications (in felt teleological) he makes the man he to come across with the anguish and the despair, lived in a fear context and of fear. The 'situation-limit' they astonish the human conscience, because she is played by the own man's contingency and of the world. Limit (impossibility) and finite they are inherent categories to the human condition and they interact with the world, in the more variables circumstances comings of the human nature.

Key word: 1. Man 2. Being 3. Existence.

Introdução

Condenado a ser, sem nenhuma alternativa para fugir de si-mesmo, o homem toma consciência da finitude de sua existência ao deparar-se com a incerteza inerente a sua experiência (vivência) em relação aos limites de sua liberdade. Ele percebe-se contingente diante de tudo aquilo que o transcende. A impotência humana diante das 'situações-limites' condena

o espírito humano a vivenciar, individualmente, as circunstâncias do mundo que o cerca.

A angústia e o desespero, intrínsecos à constituição do sentido e do significado que o homem atribui ao mundo, leva a consciência humana a temer os enigmas existentes na dimensão de sua própria existencialidade. Diante de seus anseios irrealizáveis e

de sua liberdade ameaçada pela constante possibilidade do fracasso, o homem imprime à realidade de seu mundo um sentido de negatividade em relação a suas experiências (risco de fracassar sempre), levando em conta a efemeridade de sua história e a fugacidade de seu existir, sobretudo quando nada mais pode ser feito para alterar os rumos de sua escolha existencial.

Em relação com o mundo, o homem vivencia a sua angústia e o seu desespero. A partir de tal vivência e da experiência de seu conteúdo histórico, a consciência humana depara-se diretamente com os seus enigmas ontológicos mais profundos (o que é o ser do homem?), os quais instigam intermitentes questionamentos e geram intensos conflitos de natureza existencial-psicológica.

Diante de tais circunstâncias, o homem se vê confuso em relação à dimensão de seu tempo presente, pois é nela que a) ele toma consciência de que o passado é apenas memória de uma experiência vivida (impossibilidade de retorno), b) que o futuro é incerto e desprovido de uma conexão com os sentidos e os significados de seu mundo (impossibilidade de certeza/verdade), c) ao mesmo tempo que se depara com a efemeridade e a fragilidade de sua vida (impossibilidade de poder interferir no conteúdo de suas 'situações-limites'). Em sua relação com o 'imprevisível' e com as circunstâncias advindas de seu próprio mundo, o homem, em seu mais recôndito abismo ontológico, teme o 'si-mesmo' e ignora o conteúdo de seu *télos* (qual é o seu fim?).

2. O homem e a dimensão do Ser

Em sua relação com a dimensão do ser (em sua individualidade), o homem é continuamente assombrado pelo infinito transcendente, assim como sente-se limitado pela contingência de suas potencialidades. Na contextualidade de sua dimensão ontológica, assim como na profundidade de sua experiência com o 'si-mesmo', o homem incorpora, em sua relação com o mundo e com o outro, o mistério das realidades que transcendem a sua vivência no plano físico, tornando-se, por conseguinte, um sujeito em permanente estado de dúvidas (a verdade torna-se uma busca permanente e relativa à vivência de suas circunstâncias no âmbito da experiência cotidiana). Nesse sentido, a angústia é vivenciada (individualmente) na dinâmica das circunstâncias existenciais do homem, numa dimensão puramente humana. A existência (do homem) envolve-se na complexidade da dor e do medo do nada (medo de deixar de ser).

A consciência sobre a existência desperta o homem de sua sonolência ontológica e chama a atenção para a complexidade de seus paradoxos e de seus limites. É vivenciando as possibilidades de seu fracasso que, em sua experiência com a realidade concreta do mundo, o homem busca sintonizar-se com sua dimensão ontológica num sentido mais profundo e significativo (o homem busca o sentido de seu *ego*). Tal atitude não livra sua consciência do estupro da dor de sentir-se limitado (lançado no mundo só) diante das situações limites, no contexto do mundo e de sua natureza humana em relação com seus enig-

mas mais significativos (relação entre 'ser' e 'existir').

Tentando penetrar na penumbra (incertezas) da consciência humana, sobretudo no sentido de buscar a verdade (relativa às fundamentações ontológicas da existência), o homem só se aproxima dela quando consegue tocar a profundidade de seu 'eu', atribuindo-lhe o conteúdo da identidade de seu ser. Uma das condições *sine qua non* para ter consciência da própria existência é fundamentar o sentido do 'eu', proporcionando à consciência a experiência de uma busca permanente a respeito de quem é o homem e de qual é sua relação com seu próprio ser/existir (interação consigo e com o mundo/outra).

Em um mundo artificializado e sofisticado pela práxis/vontade/ação humana, o homem incide, em sua relação à realidade, ao drama de sua existência, tornando-se prisioneiro de seus próprios limites em relação ao mundo e a si mesmo. Ao tomar ciência dos riscos e possibilidades de seu fracasso em potencial, em sua dimensão intrínseca com a realidade do mundo, intimamente teme o 'si mesmo' (os enigmas de seu próprio *ego*). Sua consciência sente-se instigada a buscar, incessantemente, o sentido e o significado do *húmus* fundamental (a profundidade da própria vida).

O homem, na pluralidade de suas buscas (no âmbito de suas experiências histórico-existenciais), continuamente vê-se incapaz de realizar suas sínteses filosófico-psicológicas de forma definitiva. A experiência com a contínua possibilidade do próprio

fracasso, na maioria das vezes, distancia o homem de seu próprio sentido quando, então, poderia buscar alternativas para satisfazer seus principais anseios teleológicos. A razão humana percebe-se limitada e impotente no momento em que o homem se depara com o fracasso de si mesmo e se assombra diante de seus próprios limites.

A razão, em seu conteúdo primordial, identifica-se com o ser do homem diante do mundo, levando-o a inquirir sobre a sua existência (sua consciência), assim como sobre a impossibilidade de obter respostas definitivas/absolutas a respeito de questões fundamentais da realidade do ser (e sobre si mesmo). O homem teme o desconhecido e os riscos de seus próprios limites intrínsecos em sua dimensão ontológica.

É através da consciência (da própria existência) que o homem 'especializa' os problemas oriundos de sua própria natureza (relação do indivíduo com o outro e com o mundo), pois ter consciência de alguma coisa é estar em conexão com a dimensão do ser e do mundo (a consciência é dinâmica e comprometida com a realidade). O homem está em contínuo movimento em relação às circunstâncias de seu meio e em permanente busca de transcendência de si mesmo e do mundo.

3. O Homem e a dimensão da Existência

Ao relacionar-se com a sua existência, o homem estabelece um profundo compromisso com a realidade que o cerca ligando-se diretamente ao sentido e ao significado do mundo

que é um *constructu* puramente humano. As tentativas de compreensão do homem não podem ser abordadas a partir de uma situação externa à sua própria existência. É no âmbito de seu existir que ele se concretiza como ser/ existente, passando a localizar-se num espaço e numa temporalidade definidos na dimensão ontológica do mundo. Ao contactar a realidade de suas situações limites enquanto indivíduo, o homem impõe-se como sujeito dos projetos que vivencia na contextualidade de suas circunstâncias puramente humanas. Entretanto, sua existência não pode, por questões inerentes à sua constituição, anular as circunstâncias advindas do contato com o mundo, mesmo que tal decisão seja uma atitude de sua 'escolha' (liberdade e vontade) individual.

Na condição de ser e de existente, o homem vive (experiência) uma complexa relação com o mundo e com o próprio homem. Isso significa que, em um sentido mais amplo e profundo, pode-se dizer que o homem espacializa seus problemas existenciais no contexto da convivência e da co-existência com a individualidade do outro (limite à minha liberdade). O homem, em sua impossibilidade de negar o próprio ser, mesmo que escolha um determinado modo de viver sua existência, não pode fugir de sua relação com o outro, assim como não pode negar seu ser. Nesse sentido, o 'outro' impõe, segundo sua maneira de existir, limites à liberdade do indivíduo, à medida que (vivendo, também, a sua individualidade) limita a concretização do 'meu' projeto de liberdade (co-existir implica em morrer continuamente para que o outro seja/exista).

O homem compreende o mundo a partir de uma relação fundamental com seu ser, age e decide a partir de sua história vivenciada e experimentada no âmbito das mais diversas situações, que abrangem, necessariamente, os princípios da co-existência. Portanto, o homem é um ser necessariamente comprometido com o mundo e com as circunstâncias advindas de suas relações com o outro, tanto no plano da individualidade (aceitação do outro) quanto no âmbito da convivência em sociedade (co-existencialidade).

4. Considerações finais

Em sua relação com a própria existência, o homem comunga com a plenitude de seu ser e espanta-se diante de seus mistérios teleológicos, questionando profundamente o sentido de seu próprio 'eu'. Nesse caso, ser e existir representam duas categorias fundamentais na constituição da totalidade do homem. Logo, pode-se concluir que apenas o homem "é" e pode dar conta de que "existe" (no mundo e em relação com o outro). "Ser" e "existir" são duas realidades intrínsecas no processo de constituição do homem (no sentido de sua totalidade). Só ele, enquanto sujeito, tem condições de ser e de existir (existindo, o homem toma consciência de seu próprio ser e busca desvendá-lo), ao passo que é capaz de projetar o seu próprio mundo e vivenciá-lo a partir de suas experiências, nas mais diversas circunstâncias advindas de sua existência (é o ser que dá sustentabilidade à existência).

O homem é o principal elo da compreensão dos conceitos de 'ser' e de

'existir'. Somente a consciência humana pode dar conta do significado e do sentido atribuído ao mundo, considerando que tais atributos constituem a realidade do homem enquanto indivíduo e sujeito (dimensão do ser e da existência).

O mundo e o homem compõem uma relação especial dentro de uma estrutura ontológica específica. O ser do mundo e o ser do homem interagem-se na constituição da existência, considerando que é o homem quem incide no mundo o conteúdo de sua

ação. É o significado que o homem atribui ao mundo que caracteriza a originalidade e a realidade de sua coexistência. Homem e mundo são entidades intrínsecas ao ser e à existência. Ambos correlacionam-se a partir de uma conexão ontológico-existencial. Portanto, a compreensão do homem enquanto sujeito de seus projetos, substancialmente, identifica-se com a compreensão e o entendimento do mundo pela consciência (que passa a ser consciência sobre o mundo e, conseqüentemente, consciência sobre o homem).